

A MISSÃO DE DEUS NA VIDA PESSOAL DO CRISTÃO

Mário Yudi Fukue¹

Resumo: Este artigo explora a missão de Deus na vida pessoal dos cristãos, destacando que a vida pessoal nunca é autônoma, mas sempre parte da comunidade de fé. Enfatiza que a vida cristã deve ser vivida tanto diante de Deus (*coram Deo*) quanto do mundo (*coram mundo*), integrando fé e ação nas vocações diárias. O trabalho examina a formação do “ego” moderno e como a individualidade contemporânea desafia a vida de fé comunitária. Discute a domesticação da transcendência e a necessidade de viver a fé publicamente, utilizando a teologia da vocação de Lutero. Aborda a teologia de Joel Biermann sobre ética e virtude cristã e a Cristologia do Espírito, de Leopoldo Sanchez, aplicando esses conceitos ao contexto brasileiro.

Palavras-chave: Cristologia do Espírito. Individualidade. Vocações. Missão de Deus. Vida pública e privada. Teologia da vocação.

Abstract: This article explores God’s mission in the personal lives of Christians, emphasizing that personal life is never autonomous, but always part of the community of faith. It emphasizes that Christian life must be lived both before God (*coram Deo*) and the world (*coram mundo*), integrating faith and action in daily vocations. The work examines the formation of

¹ Bacharel em Teologia pelo Seminário Concórdia, São Leopoldo (2004). Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo, RS (2011). Doutorando em Teologia pelo Concordia Seminary, St. Louis, Estados Unidos. Pastor na Hora Luterana, São Paulo, SP.

the modern “ego” and how contemporary individuality challenges the communal life of faith. It discusses the domestication of transcendence and the need to live faith publicly, using Luther’s theology of vocation. It addresses Joel Biermann’s theology of Christian ethics and virtue and Leopoldo Sanchez’s Christology of the Spirit, applying these concepts to the Brazilian context.

Keywords: Christology of the Spirit. Individuality. Vocations. God’s mission. Public and private life. Theology of vocation.

INTRODUÇÃO

Antes de apontarmos possibilidades de missão na vida pessoal do cristão, precisamos esclarecer que a vida pessoal do cristão nunca é um elemento independente e autônomo. E não estou me referindo apenas ao fato de que o cristão existe no contexto da justiça vertical, diante de Deus (*coram Deo*), nunca sozinho. A partir da justificação pela fé, o cristão também está sempre no corpo de Cristo. Ele faz parte da comunidade que se reúne visivelmente como igreja para receber a graça de Deus por meio da pregação da Palavra e da administração dos sacramentos. Ao ser batizado, o cristão nasce para uma nova vida (Rm 6.4). E nessa nova vida, ele está no corpo de Cristo. Em suma, a vida pessoal do cristão acontece sempre como parte de uma comunidade de fé. Dessa forma, a vida pessoal de um cristão também acontece na justiça horizontal, diante do mundo (*coram mundo*).² Ao viver sua nova vida em Cristo, o cristão age no mundo.

Diante disso, o que exatamente significa estudar a “Missão de Deus na vida pessoal do cristão”, tema de minha palestra?

Percebam que meus nobres amigos e teólogos que entregam as outras palestras, certamente mais bem alinhadas do que a minha, foram desafiados a analisar a missão de Deus como marca da igreja. Assim sendo, ao Dr. Rios e ao Rev. Garske coube a análise teológica, exegética e histórica do tema. Graffunder e Fuhrmann se debruçaram sobre a igreja enquanto

² Para uma descrição mais detalhada das duas justiças (*coram Deo* e *coram mundo*), uma dica é a obra *The Genius of Luther’s Theology*, de Robert Kolb e Charles Arand.

corpo eclesiástico que “planta igrejas” e faz missão “marcada pela cruz”. Se meus nobres amigos palestrantes deste Simpósio trataram da missão de Deus como marca da igreja, minha palestra procura olhar a missão de Deus como marca da vida pessoal do cristão. Creio que na teologia luterana o lugar mais propício para abordar esse tema é deixar a Teologia da vocação jogar luz sobre o assunto. Ou seja, não vamos abordar a missão do ponto de vista da ação do cristão na igreja ou da igreja no mundo, mas do ponto de vista da ação do cristão em suas diferentes vocações, enquanto vive sua fé na família, no trabalho e na sociedade.

FORMAÇÃO DO “EGO” MODERNO

De início podemos estabelecer que a missão como marca da vida pessoal do cristão é perceptível na vida em favor do próximo que o cristão leva a partir da cruz. Novamente, frisamos que ele não se isola do mundo para viver numa bolha em que somente a relação vertical – *coram Deo* – é a única realidade importante. Ele vive, escreve Lutero, “completamente livre, não sujeito a nada e a ninguém. [Ao mesmo tempo], um cristão é um servo dedicado, sujeito a todos” (LUTERO 2020 [1520]). Complementando Lutero, Regin Prenter, ao analisar o trabalho do Espírito Santo em nós, descreve que a nova vida a partir da fé não significa o começo de um “novo eu”, mas aponta para a presença de Cristo no crente. Em outras palavras, a nova vida não é um “novo ego”, mas “Cristo em nós”, escreve Prenter (PRENTER, 2001). É Cristo, por meio da ação do Espírito Santo nos meios da graça, que nos faz viver em favor do próximo.

No entanto, a forma como culturalmente viemos a constituir a noção de indivíduo e “self” (eu) lança desafios a essa visão de uma vida essencialmente comunitária, em favor do outro. Para compreender nossa realidade e melhor discernir os desafios, precisamos explicar rapidamente essa formação.

Na aparente glossolalia que tentativas de definição de conceitos como modernidade, individualismo, modernidade líquida ou pós-modernidade apresentam, parece haver certo consenso de que, independentemente do nome que se dê ao processo de formação, parte das mudanças culturais que atravessaram os últimos séculos foram impulsionadas por mudanças

na interação e nos limites em dois eixos: transcendência e imanência, comunidade e indivíduo (que pode ser expresso também como “público e privado”).

O professor Carl Trueman, por exemplo, explica que na formação da identidade moderna, o indivíduo e suas experiências internas se tornam o foco. A noção de “self” na modernidade é altamente individualista, contrastando com as identidades comunitárias do passado.

No livro *The Rise and Triumph of the Modern Self*, Carl Trueman (2020) defende que as raízes do conceito de individualidade moderna possuem suas origens no Iluminismo e nas ideias de pensadores como Jean-Jacques Rousseau. Encurtando a história, pois esse não é o foco deste artigo, Trueman descreve a transformação do conceito de indivíduo e personalidade desde Rousseau, passando por Nietzsche e Darwin, até chegar em Freud e no impacto que a psicanálise freudiana teve na formação da percepção de si mesmo. A partir de Freud, há um interesse maior nos desejos, emoções e no inconsciente do indivíduo.

Mas a transformação não termina em Freud. A partir da influência do biólogo Alfred Kinsey, que escreveu livros sobre sexualidade humana, a sexualidade começou a deixar os recônditos da vida privada e moralidade pessoal para se tornar um assunto público. A sexualidade deixa de ser uma atividade privada para se tornar algo da identidade social de um indivíduo.

Perceba, meu ouvinte/leitor, que antes das mudanças elencadas pela modernidade iluminista, a identidade pessoal estava organicamente vinculada e era definida pela comunidade (família, igreja, sociedade, nação). A grosso modo, o indivíduo era aquilo que a comunidade estabelecia. Agora, depois da influência iluminista e modernista (seja do tipo sólida ou líquida), é o indivíduo que estabelece aquilo que o social e comunitário devem ser. De certa forma, espera-se que a comunidade se torne aquilo que o indivíduo estabelece. Carl Trueman escreve que “[...] a recusa de qualquer indivíduo em reconhecer uma identidade que a sociedade em geral considera legítima é uma ofensa moral, não simplesmente uma questão de indiferença. A questão da identidade no mundo moderno é uma questão de dignidade” (TRUEMANN, 2020, p.15).

A partir desse cenário, quais desafios a missão de Deus enfrenta no que se refere à vida pessoal do cristão no mundo?

O cristão nasce neste mundo (o que é óbvio). Ele nasce numa sociedade em que a questão da individualidade como um direito de dignidade humana é quase uma característica *sine qua non* da existência humana. Não só isso. Ele percebe a existência humana como um *locus* da realização pessoal de seus desejos e sonhos. Por essa razão, não é difícil o cristão ser tentado a ver sua vida de fé como uma das dimensões da realização pessoal ou, em muitos casos, como uma área da vida que deve dar suporte à área tida como principal. Assim, por exemplo, em um processo de uso terapêutico da religião, muitos enxergam a fé como um suporte para o sucesso profissional. Em outros casos, quando a vontade de Deus, expressa em sua Palavra, contrapõe algo que a pessoa julga essencial em sua individualidade ou identidade pessoal, parece mais fácil sacrificar a vida na igreja do que procurar mudar ou adequar a vida aos mandamentos de Deus. Dessa forma, questões espirituais ou assuntos de fé tornam-se matéria de gosto pessoal. O cristão é tentado a ser como a rainha Jezabel, que quis moldar Israel conforme seus anseios pessoais e introduziu o culto a Baal (1Reis 21.25-26). De forma parecida, espera-se que a igreja seja conformada à cultura vigente em um processo que vai além de uma saudável e necessária adaptação ou contextualização, culminando em uma rendição ou capitulação.

DOMESTICAÇÃO DA TRANSCENDÊNCIA

Além de atuar na formação do “self” (ego-eu) que transborda de si mesmo e anseia conformar a comunidade à sua imagem, a modernidade também modificou as nações de transcendência. Em seu livro, *A Secular Age*, o filósofo católico Charles Taylor argumenta que a modernidade trouxe uma mudança significativa na forma como as pessoas percebem a espiritualidade e a transcendência. Antes da modernidade, a espiritualidade era integrada à vida pública e comunitária. Com a modernidade, a espiritualidade tornou-se mais privada e pessoal. Essa mudança reflete a secularização enquanto domesticação da transcendência, onde Deus é percebido como distante do mundo temporal.

O teólogo William Placher, no livro *The Domestication of Transcendence* (1996), argumenta que a domesticação da transcendência começou

quando o racionalismo e o empirismo transformaram a compreensão de Deus de uma realidade profundamente misteriosa e inefável para uma entidade que pode ser compreendida e analisada racionalmente. Consequentemente, o Teísmo clássico surge como uma tentativa de reconciliar as doutrinas cristãs com a filosofia moderna de uma maneira que muitas vezes resulta na perda da verdadeira transcendência de Deus. William Placher sugere que essa reconciliação levou a uma visão de Deus que é mais compatível com a ciência e a filosofia modernas, mas menos fiel às tradições teológicas históricas. Menos bíblica, podemos afirmar. No processo de domesticação da transcendência, o próprio Deus foi confinado ao reino do transcendente, sendo vetado a ele a participação ativa e soberana no reino do imanente.

A domesticação da transcendência e o confinamento de Deus se revelam até nas igrejas históricas. Por exemplo, é comum definirmos milagre como algo que a “ciência não consegue explicar”. Perceba que essa definição de milagre não tem nada de bíblico. Ao contrário, a teologia terceirizou para a ciência, como reino do imanente, a capacidade de estabelecer o limite entre o imanente e o transcendente, entre o natural e o sobrenatural, entre ordinário e o extraordinário, entre normalidade e milagre. Ouso dizer, embora ainda não consiga provar, que a domesticação da transcendência acabou por encurralar o espiritual e religioso ao círculo privado e doméstico.

Um “deus confinado” e uma vida espiritual limitada ao foro íntimo de uma pessoa foram sublinhadas ainda mais com a forte polarização que vivemos hoje. Não estamos divididos apenas por ideologia econômica ou por partidos políticos. A polarização separa como coisas opostas ordinário e extraordinário, ciência e fé, reinos temporal e reino espiritual, vida pública e vida privada, vida civil e vida religiosa.

Nesse caso, o desafio da missão de Deus é ainda mais claro. Confessar a fé cristã ou evangelizar é tido como algo tão privado que parece envergonhar a pessoa que ousa emitir uma opinião religiosa ou confessar sua fé publicamente. Não é à toa que o Instituto Barna e a *Lutheran Hour Ministries*, no livro *Reluctant Witness*,³ asseveram que hoje os cristãos são

3 Everts, Don. *The Reluctant Witness: Discovering the Delight of Spiritual Conversations*. Lisle, IL, Saint Louis, MO: LHM, Barna, IVP, 2019.

menos propensos a compartilhar sua fé publicamente do que há 20 anos. Em uma sociedade em que o espiritual está encarcerado na vida privada e íntima de uma pessoa, parece ser menos vergonhoso descrever suas posições sexuais preferidas do que declarar que “só Jesus é o Senhor”.

Ainda assim, a missão de Deus na vida pessoal do cristão precisa ser expressa na vida pública e comunitária. É mais fácil escrever do que fazer, mas, mesmo assim, é importante tecer o desafio que se impõe ao cristão contemporâneo. Sua vida precisa ser um sinal da transcendência na imanência, do milagre da ação de Deus no mundo material. Teólogos da Missiologia diriam que a vida pessoal do cristão deve “encarnar” o próprio Cristo. Deus envia seu Filho para salvar o mundo (Jo 3.16). O Pai e o Filho enviam o Espírito Santo que é o poder dado à igreja para proclamar o evangelho ao mundo (At 1.8). Assim, os cristãos são “máscaras de Deus” e corpo de Cristo em um mundo altamente polarizado, que enaltece a individualidade e tenta “confinar Deus”, domesticar a religião.

TEOLOGIA DA VOCAÇÃO: DEUS SE REVELA NO IMANENTE

O cerne desta palestra é tentar lançar alguma luz na vida que o cristão leva no cotidiano, ver como a missão de Deus acontece na vida pessoal de cada crente. No meio evangelical, muito se fala sobre a necessidade de os cristãos influenciarem e modificarem a cosmovisão da sociedade por meio da “cristianização” da cultura, promovendo uma dita “cosmovisão cristã”. Em uma postura que Richard Niebuhr (2001) chamaria de “transformacional”, alguns propõem a ocupação dos espaços políticos e ideológicos. Outros, mais moderados, acreditam que os cristãos devem influenciar a cosmovisão vigente ocupando diversos espaços na sociedade.

A postura “transformacional” dos que defendem a implantação ou recuperação de uma cosmovisão cristã pode ser possível, mas talvez não seja a mais apropriada, especialmente se considerarmos a missão de Deus na esfera da vida pessoal do cristão. James Davison Hunter, em seu livro *To Change the World* (2010), argumenta que a tentativa de mudança cultural por meio de esforços macros não é eficaz. Ele não é contrário ao engajamento da igreja na mudança cultural, mas critica a abordagem focada em grandes movimentos de massa. Hunter sugere que a mudança

cultural significativa acontece através das elites culturais e das instituições centrais de uma cultura, algo distante do dia a dia da ampla maioria dos cristãos. Para Hunter, o melhor que o cristão tem a fazer é ser fiel em suas vocações, exercendo influência dentro dessas esferas.

Nesse sentido, a cristianização do Império Romano não se deu por um movimento macro, de cunho ideológico-político da igreja, mas aconteceu porque, ao proclamar a palavra de Deus e administrar os sacramentos, a igreja “fazia discípulos” de Jesus (Mt 28.20). Em outras palavras, o foco não era a mudança da cosmovisão cultural, mas proclamar o evangelho a todos. Com reverência a Cristo como Senhor, os cristãos eram admoestados a estarem sempre prontos para responder a qualquer pessoa que pedisse que explicassem a esperança que eles tinham (1Pe 3.15).

Acredito que dentro das vocações, o cristão pode viver de forma contracultural, para usar o termo de Niebhur, cultivando uma existência que:

- não enxerga a individualidade e o “eu” como os maiores valores, mas abre-se para uma vida comunitária de amor ao próximo, sendo uma máscara de Deus na vida de seus familiares, amigos, parentes e vizinhos;
- não confina Deus somente ao transcendente, mas reconhece que Deus está ativamente presente em todos os acontecimentos da vida e da história;
- transita e integra a vida pública e a vida privada, vivendo e confessando a fé na esfera comunitária, diante de todos, estando pronto para responder a qualquer pessoa que peça explicação sobre a esperança que ele tem (1Pe 3.15).

Novamente, precisamos lembrar que “não há cristão isolado, pois ele sempre é igreja” (BIERMANN, 2019). Lutero, nas Disputações de Heidelberg (1518), escreve que “[o cristão] deve servir ao próximo, de acordo com a vontade de Deus, que é amor ao próximo”.

Ecoando Lutero, Dietrich Bonhoeffer, no livro *Vida em Comunhão*,⁴ escreve que “a igreja só é igreja quando existe para os outros. Ela deve compartilhar nas tarefas seculares da vida, não dominando, mas ajudando e servindo”. Dimensionando isso para a vida pessoal do cristão, as vocações nos desafiam a tornar a vida privada “mais pública” e orientada ao próximo.

4 BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

Mesmo em suas vocações, o cristão não exerce exatamente um exercício de liberdade individual. Ele não escolhe ser pai, ter essa ou aquela ocupação, ser pastor ou cidadão, ser vizinho de alguém, etc. Na verdade, em cada esfera de atividade que o cristão ocupa, ele é colocado ali pelo próprio Deus. Ele é chamado por Deus para viver a fé na família, no trabalho, na igreja e no estado.

POSSÍVEIS CAMINHOS

A vida humana acontece no meio do caminho, *in media res*, diria Virgílio. Nós nascemos em um mundo que já existia antes de nós e somos acolhidos numa igreja que já estava aqui antes de nosso batismo ou conversão. A Reforma Luterana, por exemplo, não reinaugura a igreja. Da mesma forma, a vida pessoal do cristão acontece no meio do mundo, no caminho, nas ruas, nas empresas. Somos chamados a ser pai ou mãe, a contrair matrimônio no meio da existência, enquanto vivemos. A missão de Deus na vida pessoal do cristão acontece, por sua graça e vontade, enquanto vivemos e somos por ele chamados a ocupar as diversas vocações.

Nesse sentido, o desafio é viver nossa vida individual em favor do próximo. É fazer a justiça que recebemos de Cristo, *coram Deo*, reverberar na justiça que vivemos diante do próximo, *coram mundo*. O cristão é desafiado a mostrar que Deus é Deus sobre todas as coisas, desde o mais ordinário dos elementos até a coisa mais inexplicável e extraordinária. Na vida pessoal do cristão, Deus não está confinado na vida privada, mas se mostra em cada ação do cristão, na vida pública, numa existência que prefere se dedicar a proclamar Jesus e seu caminho e abrir mão ou, ao menos, priorizar menos a postura transformacional da implantação de uma cosmovisão cristã. Ele prefere seguir o exemplo de Paulo, Gaio e Aristarco em Éfeso, que preferiam proclamar o caminho de Jesus e “engrandecer a palavra de Deus” do que “blasfemar contra Diana” (At 19).

Na teologia luterana atual, há caminhos promissores que podem ajudar o cristão a viver suas vocações no estilo de Atos 19, de Paulo em Éfeso. Nessa palestra, gostaria de citar dois trabalhos. O primeiro é uma proposta do Dr. Joel Biermann, que vê a vida santificada como a ação de

Deus em “conformar” o cristão conforme sua santa vontade, expressa desde a eternidade. O segundo é a Cristologia do Espírito, conforme sistematizada pelo Dr. Leopoldo Sanchez.

Desejando sanar os problemas do reducionismo lei-evangelho, que enxergava qualquer menção ao terceiro uso da lei como legalismo, Biermann propõe uma estrutura trinitária, a que ele chama de “Credal Frame”, para a vida cristã no mundo. No livro *The case for character*, Biermann (2019) defende que o cristão pode (e deve) viver uma vida santificada na medida em que ele é “conformado” por Cristo.⁵ Evitando o pietismo, o referido autor mantém um monergismo divino estrito. A justiça vertical – *coram Deo* – é inteiramente obra de Deus. Crescemos na fé apenas por meio da Palavra e dos sacramentos, não por meio de progressão na vida santificada. Por outro lado, a vida santificada, virtude e desenvolvimento do caráter (a justiça horizontal – *coram mundo*) são moldados pela participação do cristão na comunhão de uma comunidade cristã. Biermann diz que participar da liturgia, estudar o catecismo, honrar os santos com *imitatio* são algumas das disciplinas que nos permitem viver a vida cristã em nossos vários chamados.

É interessante notar o poder convergente do culto cristão, em que o ordinário abriga o extraordinário, em que Deus se faz presente sacramentalmente em favor de seu povo. O teólogo Gordon Lathrop (1993), no livro *Holy Things*, afirma que no culto cristão elementos comuns são transformados em “coisas santas” no contexto litúrgico para abençoar a comunidade que se reúne. Nesse sentido, não há como não mencionar a santa ceia. Nela, o finito é capaz de [abrigar] o infinito, com a boca o cristão recebe os elementos comuns do pão e vinho e os elementos “extraordinários” do verdadeiro corpo e verdadeiro sangue de Cristo (*manducatio oralis*) para perdão de pecados. Assim sendo, a santa ceia influencia e formata cada aspecto da vida do cristão. O padre oriental Alexander Schmemmann considera a “Eucaristia como sacramento central da fé cristã e seu impacto transformador em todos os aspectos da vida” (SCHMEMANN, 2018).

Além da liturgia, o catecismo conforma o cristão a viver como criatura

5 Biermann aqui não faz referência à *Theosis*, mas à ação de Deus no cristão. Não há uma mudança ontológica ou psicológica. Conforme Robert Kolb e Charles Arand, Lutero se opôs tanto à visão da salvação por transformação psicológica quanto à visão da salvação por transformação ontológica (*The Genius of Luther's Theology*).

de Deus porque “Deus é Deus e você não é” (Okamoto apud Biermann, *The Case for Character*, p.139). Por exemplo, essa verdade é muito clara no Catecismo Menor de Lutero: “Deus me criou e a todas as criaturas e me deu raciocínio [...] e todos os sentidos e me sustenta abundante e diariamente por sua divina e paterna bondade”. Talvez, na questão do ensino do catecismo na igreja, algo precisa ser recuperado. Alan Kreider propõe a recuperação do “poder formador do processo de catecumenato” na igreja (KREIDER, 2007). Ele afirma que na época de Justiniano, o catecumenato era um convite à mudança de vida, de crença e de comportamento.

A participação do cristão na liturgia e no catecumenato conforma o cristão à imagem de Cristo, fazendo-o participar de uma comunidade que se volta para abençoar o mundo. Ellen Charry (1999), no livro *By the Renewing of Your Minds*, afirma que Paulo indica a cruz de Cristo como a inauguração de um “novo modo de reconciliar inimigos” através de uma “nova comunidade” (CHARRY, 1999, p.44). Segundo Charry, a ética de Paulo não se baseia em questões de culpa, mas na unidade com Cristo, que nos dá uma nova identidade como livremente escravizados a Deus. Morremos para o pecado e ressuscitamos com ele para uma nova vida (Ef 6.4). Essa nova identidade em Cristo pode superar qualquer polarização, como a guerra política em nossas igrejas, ao proclamar que “somente Cristo é o Senhor” de todos.

Outro trabalho importante para a prática da doutrina das vocações é o estudo do Dr. Leopoldo Sanchez, que argumenta que uma Cristologia do Espírito, que examina o papel do Espírito de Deus na vida e missão de Jesus, fornece um arcabouço teológico para articular “uma abordagem baseada em modelos de santificação que pode ajudar pastores e líderes da igreja a envolverem as esperanças e lutas espirituais dos vizinhos dentro e fora da igreja” (SANCHEZ, 2019, xvi).

Para Sanchez, a Cristologia do Espírito mostra o vínculo formativo entre Cristo e seus discípulos, entre o Filho e os filhos adotivos de Deus. Ele escreve:

Jesus não apenas carrega o Espírito para si mesmo, mas também concede o Espírito Santo aos outros para que possam ser formados à sua semelhança. Em outras palavras, Jesus nos dá o Espírito para nos capacitar e moldar para sermos como ele, isto é, para sermos fiéis a Deus e servos de muitos (SANCHEZ, 2024).

A partir daí, Sanchez alinha o uso prático de uma Cristologia do Espírito como um arcabouço ecumênico para articular uma abordagem baseada em modelos de santificação que retrata e promove maneiras complementares de viver no Espírito de Cristo.

Particularmente úteis para a realidade brasileira são o “modelo da hospitalidade”, que engaja o cristão no amor pelo “outro” ao recebê-lo entre nós, e o “modelo devocional”, que propõe uma pausa no trabalho, descanso e lazer na presença e ação do Espírito. Sanchez nos incentiva a agir criativamente dentro desses modelos. Algo que esperamos possa surgir nos próximos anos. Essa abordagem narrativa adotada por Sánchez descreve e valoriza o trabalho do Espírito na vida cotidiana do cristão em sua comunidade.

Como pastor servindo a Deus na Hora Luterana, gostaria de destacar os materiais que a Hora Luterana Internacional e a Barna produziram para ajudar os cristãos e suas congregações no desafio da missão de Deus na vida pessoal do cristão. “Spiritual Conversations in the Digital Age” e “Households of Faith”, para citar dois, ajudam a pensar nas oportunidades que temos de viver uma vida de serviço ao próximo e testemunho.

PELO MENOS DUAS DAS SETES MARCAS

Das sete marcas da igreja citadas por Lutero, pelo menos duas dão abertura para se enxergar a vida pessoal do cristão em suas vocações:

Primeiramente, a Igreja de Deus se reconhece externamente pela santa palavra de Deus, pois onde se prega, crê, confessa e vive de acordo com o evangelho de Cristo, ali, sem dúvida, há a Igreja de Deus.

[...]

Em sétimo lugar, a Igreja também se reconhece pelo fato de que ela é santa e pratica a comunhão dos santos, ou seja, que ajuda e serve em amor ao próximo e às outras pessoas necessitadas e todos aqueles que sofrem (LUTERO, 1539, p.509-510).

Oramos a Deus para que os cristãos, em sua vida pessoal – em suas vocações – ali onde Deus os colocou, para o serviço ao qual Deus os cha-

mou, sirvam ao próximo (marca 7), vivendo de acordo com o evangelho de Cristo (marca 1), mesmo em meio à perseguição e ao sofrimento (marca 6), para que a igreja de Cristo seja reconhecida pela pregação da Palavra e administração dos sacramentos (marcas 2 e 3). Que a missão de Deus na vida pessoal de cada cristão seja motivo de ação de graças e louvor (marca 5). Dessa forma, cristãos e os “ainda não cristãos” não terão dúvidas de que “ali está a igreja de Deus”, o qual não está confinado à transcendência, mas é o Senhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAND, Charles; KOLB, Robert. *The Genius of Luther's Theology*. Grand Rapids, Michigan: Baker Academic, 2008.
- BIERMANN, Joel D. *A Case for Character: Towards a Lutheran Virtue Ethics*. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2014. Edição do Kindle.
- BIERMANN, Joel D. *A case for character: Towards a Lutheran Virtue Ethics*. Fortress Press Minneapolis, 2019.
- BIERMANN, Joel D. *Wholly Citizens: God's Two Realms and Christian Engagement with the World*. Fortress Press, 2014. Edição do Kindle.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.
- CHARRY, Ellen. *By the Renewing of Your Minds*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- EVERTS, Don. *The Reluctant Witness: Discovering the Delight of Spiritual Conversations*. Lisle, IL, Saint Louis, MO: LHM, Barna, IVP, 2019.
- HUNTER, James Davison. *To Change the World: The Irony, Tragedy, and Possibility of Christianity in the Late Modern World*. Oxford: Oxford Press, 2010.
- KREIDER, Alan. *The Change of Conversion and the Origin of Christendom*. Eugene, Oregon: Wipf and Stock, 2007.
- LATHROP, Gordon W. *Holy Things: A Liturgical Theology*. Minneapolis, MN: Fortress Press, 1993.
- LUTERO, Martinho. *Sobre os Concílios e a Igreja* (Von den Konziliis und Kirchen), 1539. WA 50,631,36-632,20. Wider Hans Worst [Contra Hans Worst], 1541.

- LUTERO, Martinho. *Catecismo Menor* com explicações de Schwahn. Tradução de Rodolpho Hasse. WACHHOLZ, Nilo (Ed.). 37.ed. Porto Alegre: Concórdia, 2016.
- LUTERO, Martinho. *The Freedom of the Christian*. Irvine, CA: 1517 Publishing, 2020 [1520]. Edição do Kindle.
- NIEBUHR, Richard. *Christ and Culture*. New York: Harper Perennial, 2001.
- PLACHER, William. *The Domestication of Transcendence: How Modern Thinking about God Went Wrong*. Louisville: Westminster John Knox, 1996.
- PRENTER, Regin. *Spirit Creator*. Eugene, Oregon: Wipf & Stock Publishers, 2001.
- SÀNCHEZ M., Leopoldo A. *Sculptor Spirit: Models of Sanctification from Spirit Christology*. Dowers Grove, IL: InterVarsity Press, 2019. Edição do Kindle.
- SÀNCHEZ M., Leopoldo A. *T&T Clark Introduction to Spirit Christology*. New York: Bloomsbury Publishing, 2021. Edição do Kindle.
- SÀNCHEZ M., Leopoldo A. *What is Spirit Christology?*, 2021. Disponível em: <<https://www.iliadforum.com/post/leopoldo-sanchez-what-is-spirit-christology>>. Acesso em: 25 jun.2024.
- SCHMEMANN, Alexander. *For the Life of the World: Sacraments and Orthodoxy* (St. Vladimir's Seminary Press Classics, 1). New York: St Vladimir's Seminary Pr, 2018.
- TRUEMANN, Carl R. *The Rise and Triumph of the Modern Self*. Wheaton, Illinois: Crossway, 2020. Edição do Kindle.
- WINGREN, Gustaf. *Luther on Vocation*. Eugene, Oregon: Wipf and Stock, 2004.